

ARTE DE GRAMMATICA PORTUGUEZA(1816)
DE IGNACIO FELIZARDO FORTES: A CONSTRUÇÃO TEÓRICA SOBRE
AS FIGURAS DA SYNTAXE E AS FIGURAS DA DICÇÃO

Jorge Viana de Moraes¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar alguns aspectos da construção teórica relativos às *figuras da sintaxe* e às *figuras da dicção* do primeiro *instrumento linguístico* publicado no Brasil, de que se tem notícia, escrito por autor brasileiro. Trata-se da *Arte de Grammatica Portugueza, que para uso dos seus discipulos compoz o padre Ignacio Felizardo Fortes*, de 1816. No trabalho, discutem-se alguns conceitos linguísticos e gramaticais, na perspectiva da dimensão temporal, o que o inscreve no contexto da História das Ideias Linguísticas, segundo o modelo de Sylvain Auroux (1992, 1998, 2008); Colombat (2007).

Palavras-chave: Instrumento Linguístico; Arte de Gramática, Figuras de Sintaxe; Figuras da Dicção; Felizardo Fortes.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze some aspects concerning the construction of theoretical *figures of syntax* and *figures of speech* from the first *linguistic instrument* published in Brazil, which has news, written by Brazilian author. Reference is to the *Arte de Grammatica Portugueza, que para uso dos seus discipulos compoz o padre Ignacio Felizardo Fortes...*, 1816. In this paper, we discuss some linguistic and grammatical concepts, in view of the temporal dimension, which falls within the context of *History of Linguistic Ideas*, modeled by Sylvain Auroux (1992, 1998, 2008); Colombat (2007).

Key words: Linguistic Instrument; Art of Grammar; Figures of Syntax; Figures of Speech; Felizardo Fortes.

Considerações iniciais

A *Arte de Grammatica Portugueza, que para uso dos seus discipulos compoz o padre Ignacio Felizardo Fortes* de 1816 é, segundo Kemmler (2013), a primeira gramática de língua portuguesa, impressa no Brasil, escrita por autor brasileiro. Portanto, diferentemente do que se pensava até então, essa gramática se antecipa ao *Compêndio de*

¹Doutorando em História das Ideias Linguísticas pela FFLCH-USP. Este trabalho é resultado de um estágio de doutorado sanduíche na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal, com subvenção da CAPES, a quem se agradece publicamente pela concessão de Bolsa de Estudos na modalidade PDSE, conforme processo N° BEX 13979/13-2.

Gramática da Língua Nacional, dedicado à mocidade rio-grandense de 1835 de Antônio Álvares Pereira Coruja (1806-1889), bem como ao *Compêndio da Grammatica Portugueza* do padre Antônio da Costa Duarte², de 1829.

Além dessas duas obras, a *Arte de Grammatica* de Fortes se antecipa também à redação do *Breve Compendio de Grammatica Portugueza* de Frei Caneca (1779-1825), dado por Fávero (1999) como tendo sido escrita pelo político e religioso pernambucano na prisão em Salvador, entre 1817 e 1819, mas só publicada postumamente em 1876.³ Tais informações são aqui ressaltadas porque essas obras já foram tidas como primeiras (cf. ARAÚJO, 2004, 2006/2007).⁴

O certo é que, de acordo com Kemmler (2013), “no que respeita aos inícios da tradição metalinguística propriamente brasileira, é digna de nota a redação e publicação da primeira gramática portuguesa por um autor oriundo do Brasil” (KEMMLER, 2013, p.61-2).

O testemunho dos elementos bibliográficos conhecidos leva-nos, portanto, a considerar, na esteira de Kemmler (2013), a *Arte de grammatica portugueza* (1816) do padre Inácio Felizardo Fortes (?-1858) como sendo a primeira gramática publicada no Brasil por autor brasileiro. Uma obra até agora, segundo esse autor, “ilustre desconhecida”, porque rara tanto em bibliotecas públicas quanto em particulares, tendo, por isso, passado a ser quase esquecida nos dias de hoje.

Em trabalho sobre as gramáticas publicadas no Brasil no século XIX, Fávero (2001) afirmou ter encontrado “referências a duas obras publicadas no Brasil nesse período, intituladas: *Arte de Gramática*”. Uma das obras referidas pela autora é justamente a *Arte de Grammatica Portugueza* de Inácio Felizardo Fortes (1816), a outra é a *Arte de Grammatica Portugueza* de Francisco José das Chagas Soares (1835). Entretanto, sobre as

²Ignoram-se as datas de seu nascimento e morte.

³ Todavia, exceto o fato de ter “o mérito de ser uma gramática pedagógica, escrita em linguagem fácil e acessível”, Fávero (*op. cit.*) não apresenta nenhum outro atributo à referida obra e não reivindica a ela nenhum pioneirismo. A autora diz mesmo que “a gramática de Frei Caneca pouco ou nada apresenta de novo das gramáticas filosóficas que marca toda a primeira metade do século XIX, limitando-se a seguir os que o antecederam, inserindo-se na voga” (FÁVERO, 1999, p. 101-2).

⁴A obra só não se antecipa, em termos cronológicos, ao *Epítome da grammatica da lingua portugueza* (1806), de Antônio de Morais Silva (1755-1824); mas, como se sabe, apesar de escrito em Pernambuco, no ano 1802, esse livro só veio a lume em 1806 em Lisboa. No entanto, não faz parte do escopo deste trabalho a discussão contraditória sobre a nacionalidade de Morais Silva, nem sobre os aspectos pioneiros de sua obra, que tem chamado a atenção de pesquisadores já há alguns anos. Para maiores informações a respeito do problema, conferir Figueiredo (1957, p. 49-50); Monteiro (1958, p. 45); Orlandi (2002, p. 130), Fávero e Molina (2006, p. 69) e Kemmler (2013, p. 61-2) e Cavaliere (2014, p. 61).

referidas obras Fávero (op.cit.) afirmou não ter tido acesso a elas (FÁVERO, 2001, p. 62, n. 3).

Rolf Kemmler conseguiu localizar um exemplar ao qual tivemos acesso, à primeira edição nos acervos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Ponta Delgada nos Açores. O trabalho aqui desenvolvido se voltará ao estudo da constituição histórica dessa gramática como um *instrumento linguístico*, no sentido atribuído originalmente por Aurox (1998)⁵ e dela procurar-se-á analisar aspectos da construção teórica relativos às *figuras da sintaxe* e às *figuras da dicção*.

Breve nota sobre a *Arte de Grammatica Portuguesa* (1816) de Inácio Felizardo Fortes

Dedicada ao político brasileiro Luís José de Carvalho e Melo (1764-1826), a gramática de Fortes apresenta um prólogo, conforme já observou Kemmler (2013), bastante elaborado em que o autor refere ter-se baseado na obra de António Pereira de Figueiredo (1725-1797). Sendo assim, “é precisamente através da orientação pela gramática latino-portuguesa do oratoriano português que Fortes vê a fundamentação mais crucial da sua obra”, pois o autor pretendia fornecer uma gramática portuguesa, próxima do modelo latino, que facilitasse aos alunos a aplicação dos conhecimentos adquiridos na língua materna na aprendizagem posterior do latim (KEMMLER, 2013, p. 78). Nesse sentido, ainda de acordo com o autor (2013), “Fortes afasta-se marcadamente de gramáticas de cariz ‘moderno’ que tiraram proveito dos frutos da *grammaire générale* francesa do século XVIII, de entre as quais é de destacar o compatriota Antônio de Morais Silva” (KEMMLER, 2013, p. 78).

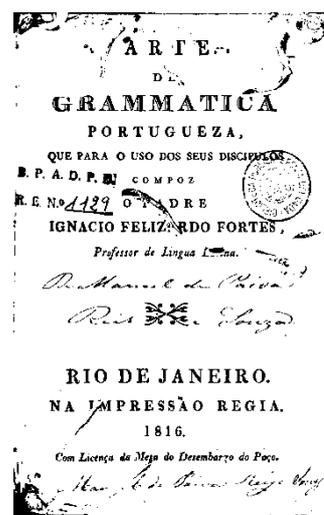


Fig. 1: Folha de rosto da *Arte da Grammatica Portuguesa* de Fortes

Conforme também observou Kemmler (2013), por ocupar 93 páginas na sequência majoritariamente paginada, bem como uma página não numerada das “Erratas”, o opúsculo de Fortes é claramente uma das obras metalinguísticas mais sucintas desde os inícios da

⁵ Na formulação da hipótese dos *instrumentos linguísticos*, Aurox (1998) diz que “uma gramática, um dicionário e outros objetos desse tipo, tais como os encontramos, em particular, na sociedade ocidental, são objetos técnicos que prolongam o comportamento ‘natural’ humano e o transformam de maneira análoga ao que produzem os objetos técnicos materiais comuns (instrumentos de arremesso, de contundência, etc.)” (AUROUX, 1998 p. 264). Tradução de Marli Quadros Leite.

gramaticografia portuguesa até à segunda década de oitocentos.⁶ Apesar disso, a gramática apresenta uma divisão em nada menos de oito livros, os quais, por sua vez, se encontram divididos num total de 36 capítulos (KEMMLER, 2013). Dentro da lógica da obra, os cinco primeiros livros são inteiramente dedicados ao campo da morfologia, identificado por Fortes (1816, p. 9) pela designação então habitual de “Etimologia”. Enquanto o sexto livro é dedicado à prosódia, os últimos dois livros pertencem ao campo da sintaxe. É do seguinte modo que Fortes apresenta as partes do discurso: “As partes da oração Portuguesa são nove: *Artigo, Nome, Pronome, Verbo, Participio, Adverbio, Conjunção, Interjeição, e Preposição*” (FORTES, 1816, p. 10).

Para um estudo mais detalhado e uma maior descrição de suas respectivas partes, bem como das influências recebidas tanto do *Novo methodo da grammatica latina* (1765) e *Novo methodo de grammatica latina, reduzido a compendio* (1814)⁷ de Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797) quanto da *Arte da grammatica da lingua portugueza* (1770) de Antônio José dos Reis Lobato, compulsar, especialmente, o já citado artigo de Kemmler (2013), que, em breve confronto que fez de algumas definições de termos exemplares como “Grammatica”, “Nome”, “Adverbio” e “Syntaxe”, encontrou semelhanças entre as obras.⁸

A definição de sintaxe

A definição de Fortes (1816) para a sintaxe é a mesma de Figueiredo. O texto do gramático brasileiro é praticamente uma paráfrase do texto do oratoriano. Entretanto, não se trata da definição encontrada no *Novo methodo da grammatica latina* (1765), ou no *Novo methodo de grammatica latina, reduzido a compendio* (1814), mas sim a que está em

⁶ No entanto, não podemos nos esquecer do *Breve Compendio de Grammatica Portuguesa para uso das meninas que se educação no Mosteiro da Vizitação de Lisboa*, de autoria de Francisca de Chantal Álvares (1786), que é composto por apenas 51 páginas, seguidas de mais três não numeradas, somando-se um total de 54.

⁷Essa obra, segundo Kemmler (2013), tinha sido declarada em sua primeira edição de 1765 como gramática oficial do ensino linguístico da primeira reforma pombalina.

⁸Em relação à influência das gramáticas de Figueiredo sobre a *Arte de Gramática* de Lobato (1770), conferir os estudos de Assunção (1997 e 2000) em que o investigador português (2000, p. 57) teve a oportunidade de chamar a atenção tanto para a correspondência conceitual quanto textual entre esta obra e a gramática latino-portuguesa de Figueiredo. Após investigações em busca de informações a respeito de Lobato (nascimento, vida comum, vida profissional e morte) o professor Assunção aventa a hipótese de que Reis Lobato seria o pseudônimo de Antônio Pereira de Figueiredo. Textualmente, afirma o autor: “Do confronto textual do texto de Lobato e do texto de Antônio Pereira de Figueiredo, mais o acervo documental que possuímos, podemos afirmar que Antônio José dos Reis Lobato é um pseudônimo de Antônio Pereira de Figueiredo” (ASSUNÇÃO, 1997, p. 167).

Figuras da Sintaxe Latina (1761), outra obra do autor: um opúsculo em que Figueiredo estudou, anos antes, apenas as figuras da sintaxe na língua latina, como o próprio título sugere. Esse livro não é mencionado por Kemmler (2013).

A obra, que não é uma gramática, mas um manual, cujos aspectos descreveremos abaixo em linhas gerais, serviu de referência a, praticamente, toda a doutrina construída sobre *sintaxe figurada* na gramática do padre brasileiro. Isso explica porque Kemmler (2013) não encontrou “qualquer reflexo [desse assunto] nos três livros da parte correspondente na gramática latino-portuguesa de Figueiredo”⁹ com aquilo “que ocupa todo o livro VIII em Fortes”, conforme disse (KEMMLER, 2013, p. 76). Ou seja, o texto que recobre as páginas de 88 a 93, relativas à *sintaxe figurada* da gramática de Fortes, é o mesmo encontrado em *Figuras da Sintaxe Latina* (1761), de Figueiredo,¹⁰ obra fundamental, como veremos, para entender o conceito de *figuras da sintaxe* formulado por Fortes. Portanto, é esse, e não os outros dois livros, o *Novo methodo da grammatica latina* (1765) e o *Novo methodo de grammatica latina, reduzido a compendio* (1814), que são a fonte para o seu estudo de *figuras da sintaxe*, como passaremos a analisar.

***Figuras da Sintaxe Latina* (1761), de António Pereira de Figueiredo**

Figuras da Sintaxe Latina (1761) é uma pequena obra de 79 páginas, que, embora dedicada ao estudo da sintaxe latina, é escrita em português. Nela, Figueiredo tem como referência explícita as obras de Linacre, Sanchez, Vossio e Perizonio.¹¹ Com esta obra,

⁹O autor refere-se aqui especificamente ao *Novo methodo da grammatica latina* (1765).

¹⁰Conforme mostraremos em lugar devido, quando a redação de Fortes (1816) afasta-se da de Figueiredo (1761), aproxima-se da redação de Lobato (1770).

¹¹Respectivamente, **Thomas Linacre** (1460-1524), médico, humanista e gramático inglês, autor de “*Progymnasmata Grammatices vulgaria* (1525), dentre outras obras; Francisco **Sánchez de las Brozas** (1522-1600), gramático espanhol, autor da “*Minerva seu de causis linguae Latinae* (1587), conforme Manãs Núñez (2010, p. 125), “um marco na teoria linguística europeia dos séculos posteriores, influenciando de maneira notável os grandes gramáticos e linguistas da Europa moderna”; **Gerard Johannes Vossius** (1577-1649), gramático e polígrafo holandês, segundo Dekker (1998, p. 219), autor de *De Arte grammatica libri septem* (1635); **Jakob Voorbroek** (1651-1715), mais conhecido como Perizonius ou Perizonio, foi um filólogo e historiador holandês que acrescentou notas à *Minerva* de Sánchez, de 1687 em diante. De acordo com Verney (1785, p. XII): “Perizonio acrescentou [notas] em várias edições seguintes [da mesma gramática], das quaes a de 1714 he a mais copiosa, e por ella se fizeram as polterios, que tem estimação”. Para maiores detalhes sobre esses autores cf.: MANÃS NÚÑEZ, Manuel. *Sanctius y Scioppius*. In: SACRE, Dirk, et al. (ed.) *Humanistica Lovaniensia: Journal of Neo-Latin Studies*. Leuven: Leuven University Press, 2010, p. 125-149. DEKKER, Kees [Cornelis]. *Contemporary Scholars and influences*. In: _____ *The Origins of Old Germanic Studies in the Low Countries*. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1998, p. 189-238 (Brill’s studies in intellectual history; Vol. 92). VERNEY, Luís Antônio. *Grammatica latina: tratada por hum methodo novo, claro, e facil*. 4ª Impressão mais emendada. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1785.

Figueiredo diz valer-se “para o mesmo fim do que escreveu Vechnero, Buchnero, Elias Maior, e Samuel Prat”, conforme se pode ler no seu prefácio.

A obra é introduzida por uma “Prefação” e concluída com as licenças necessárias à publicação, na época, a do Santo Ofício, a do Ordinário e do Paço, e é organizada em nove pequenos capítulos, sendo o primeiro dedicado à definição de sintaxe natural e sintaxe figurada. Nessa última parte, aparecem as definições de cada figura contemplada, que, no entender do autor, são oito. Os restantes dos capítulos são dedicados a cada uma das figuras, explicadas em seus pormenores, e acompanhadas de uma relação considerável de exemplos em latim retirados das obras de Cícero, Virgílio, Horácio, Cesar, Lívio, Catulo, e muitos outros.

Embora se apoie nos autores mencionados, e organize a obra com a mesma finalidade que a de outros, também referidos por ele – Vechnero, Buchnero, Elias Maior e Samuel Prat¹² –, *Figuras de Sintaxe Latina* de Figueiredo justifica-se porque, de acordo com seu autor,

duas coufas fazem mui diversa de todas as mais esta [sua] Obra: primeira, melhor ordem, e digestão de huma materia, que de si he implexa, e fastidiosa; segunda, não [se] contentar com explicar as Figuras, mas designar frequentemente o merecimento de diversas Syntaxes, declarando qual se deve usar no verso, qual na prosa; qual seja propria dos Poetas, qual dos Historiadores, qual dos Oradores (FIGUEIREDO, 1761, Prefação, [p. 03-04]).

A obra de Figueiredo não se prende, pois, à simples cópia das de seus predecessores, antes se destaca pela orientação que dá quanto ao uso poético e prosaico, assim como pela orientação dispensada à matéria em relação ao emprego apropriado aos

¹²Figueiredo refere-se, respectivamente, a **Daniel Vechner** (1572-1632), autor de várias obras dentre as quais as *Grammaticorum canones atque observationes linguae tam romanae, quam graecae* (1611), reitor do Ginásio Beuthener, em Jauer (cf. OPITZ 2009, vol I, p. 308); a **August Buchner** (1591-1661), que, de acordo com Opitz (2011), “foi em 1616 professor de Poética e em 1632 também de Retórica na Universidade de Witterberg” (cf. OPITZ 2011, vol. 2, p. 297); a **Elias Major** (1588-1669), reitor do ginásio St. Elisabeth desde 1631, poeta laureado no Sacro Império Romano (cf. FLOOD 2006, p. 1233); e a **Samuel Jackson Pratt** (1749-1814), poeta, dramaturgo e romancista inglês, que escreveu sob o pseudônimo de "Courtney Melmoth" (cf. CHALMERS 2007, p. 259). Para maiores detalhes sobre esses autores, cf.: OPITZ, Martin. *1614-1624. Veronika Marschall, Robert Seidel (Eds.) LATEINISCHE WERKE*. Band 1. In collab. with Wilhelm Kühlmann, Hans-Gert Roloff Göttingen: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2009. OPITZ, Martin. *Lateinische Werke: 1624-1631. Veronika Marschall, Robert Seidel (Eds.) LATEINISCHE WERKE*. Band 2. In collab. with Wilhelm Kühlmann, Hans-Gert Roloff Göttingen: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2011. FLOOD, John L. *Poets laureate in the Holy Roman Empire: a bio-bibliographical handbook*. Vol. 1. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. CHALMERS, Alexander. *The General Biographical Dictionary*, vol. 25. London: Kessinger Publishing LLC, 2007.

diversos gêneros e situações de uso da língua, ou, conforme diz seu autor: “qual seja própria dos Poetas, qual dos Historiadores, qual dos Oradores” (idem).

Uma vez feita a apresentação de ambas as obras, passaremos a analisar-lhes as semelhanças e diferenças.

A definição de *figuras da sintaxe* em Figueiredo (1761) e em Fortes (1816)

Para melhor entendermos a definição de *figuras de sintaxe* em Fortes (1816), segue abaixo quadro comparativo, com a definição também apresentada por Figueiredo (1761), que serviu de referência ao gramático brasileiro:

<i>Figuras da Sintaxe Latina</i> Figueiredo (1761)	<i>Arte de Grammatica Portugueza</i> Fortes (1816)
<p>A SYNTAXE ou he natural, ou figurada. Syntaxe natural he a que se funda nas regras geraes, e ordinarias da Grammatica, qual he, v. gr. Concordar o verbo finito com o seu nominativo em numero e pessoa.</p> <p>Syntaxe figurada he a que consisteno usos das figuras. Figura he todo o modo de fallar, que se aparta do vulgo. Quanto melhor for o uso de certas figuras, tanto mais elegante ficará a oração.</p>	<p>A Syntaxe ou he natural, ou figurada. Syntaxe natural he, a que se funda nas regras geraes, e ordinarias da Grammatica, qual he, v. g., concordar o verbo finito com o seu nominativo em numero, e pessoa. Syntaxe figurada consiste no uso de certas figuras. Figura he todo o modo de fallar, que se aparta do vulgo. Quanto melhor for o uso de certas figuras, tanto mais elegante ficará a oração.</p> <p>A Syntaxe natural ou he de concordancia, ou de regencia. Tractaremos em primeiro lugar da natural, e em ultimo tractaremos das Figuras da Syntaxe.</p>
(FIGUEIREDO, 1761, Capitulo I, <i>Quantas e quaes sejam as Figuras da Syntaxe</i> , p. 5-6)	(FORTES, 1816 Livro VII, <i>Da Syntaxe</i> , p.77)

Quadro 1: Definição de Sintaxe em Figueiredo e em Fortes (Q1)

Nota-se pela confrontação dos textos que, para além da distinção em sintaxe propriamente dita, ou natural, como é denominada pelos autores (que, por sua vez, distinguem-na em sintaxe de concordância e de regência), Fortes, alicerçado em Figueiredo, considerou também a sintaxe figurada. É justamente neste ponto que Fortes, vigorosamente fundamentado no modelo latino do emprego das figuras, chamou a atenção para o fato de que o uso delas – nesse caso, da “sintaxe figurada” – “se aparta do vulgo”, isto é, diferencia-se do uso comum que fazemos da língua para um uso mais elaborado, literário ou retórico. Nesse sentido, conclui-se que para Fortes seu uso não seria erro gramatical, mas antes, distinguiria, estilisticamente, quem as empregasse.

Vê-se, pois, que o conceito é todo retirado de Figueiredo (1761), em conformidade ao que afirma Fortes (1816) no prólogo: “A Syntaxe he quasi toda a mesma do Padre Pereira [de Figueiredo]” (FORTES, 1816, Prologo, p. VII-VIII). *Quase toda a mesma* porque em Figueiredo (1761) não há o desenvolvimento sobre a *syntaxe natural*; também porque Figueiredo (*idem*) dividiu as principais figuras em oito, enquanto Fortes dividiu-as em sete. Vejamos.

Para Figueiredo (1761) “As figuras principaes são oito. Enallage, Pleonafmo, Ellipfe, Zeugma, Syllepfe, Hyperbato, Hellenifmo, Arcaifmo” (FIGUEIREDO, 1761, p. 6). Já para Fortes (1816) “as figuras principaes das sentenças são sete *Enallage, Pleonasmio, Ellipse, Zegma, Syllepse, Hyperbato, Archaismo*” (FORTES, 1816, p. 88). Fortes excluiu o *helenismo*, uma vez que essa figura, conforme entendemos, parecia ser mais pertinente ao latim, na imitação que os latinos faziam dos modos de falar grego. A definição de Figueiredo (1761) reforça essa ideia: “Hellenifmo, que por outro nome se chama Grecifmo, he quando a oração se conforma mais com as regras da Gramatica Grega, que com as regras da Latina”.(FIGUEIREDO, 1761, p. 7).¹³

Em termos de quantidades de figura, o texto de Fortes (1816) se assemelha ao de Lobato (1770), sua outra referência mais próxima, para quem “Figura de Syntaxe he, quando na oração faltão, fobrão, ou se transpõem palavras” e são em quantidade de sete. Dizemos *em termos de quantidade* porque Lobato não apresentou exatamente as mesmas figuras que Fortes, embora essa diferença não seja de grande relevância.¹⁴ De acordo com Lobato (*idem*) “Os Grammaticos affinão varias figuras. Conforme alguns, são as seguintes: *Ellipfe, Zeugma, Syllepfe, Syntefe, Enallage, Pleonafmo, Hyperbaton*” (LOBATO, 1770, p. 233). Na relação de Lobato não há *arcaísmo*, como há na relação de Fortes e Figueiredo, no entanto, há a *síntese*, que, por sua vez, não aparece na relação dos outros dois. Para efeito de checagem, segue quadro comparativo:

¹³Excetuando as obras de Roboredo (1619), Figueiredo (1799) e Aulete (1874), nas quais o termo aparece de modo explícito, a referência a essa figura não será muito frequente nas principais gramáticas portuguesas.

¹⁴ Só as apontamos para mostrar que também há dessemelhanças entre os textos desses dois autores.

Figueiredo (1761)	Fortes (1816)	Loabato (1770)
As figuras principaes são oito. Enallage, Pleonafmo, Ellipfe, Zeugma, Syllepfe, Hyperbato, Hellenifmo, Arcadifmo.	As figuras principaes das sentenças são sete <i>Enallage, Pleonafmo, Ellipse, Zeugma, Syllepse, Hyperbato, Archaismo.</i>	Os Grammaticos affinão varias figuras. Conforme alguns, são as seguintes: <i>Ellipfe, Zeugma, Syllepse, Syntefe, Enallage, Pleonafmo, Hyperbaton.</i>
(FIGUEIREDO, 1761, Capitulo I, <i>Quantas e quaes seão as Figuras da Syntaxe</i> , p. 6)	(FORTES, 1816 Livro VIII, <i>Da Syntaxe figurada</i> , Capitulo I, <i>Das figuras das sentenças</i> , p. 88).	(LOBATO, 1770, Livro II, <i>Da Syntaxe Figurada</i> , p. 233).

Quadro 2: Números de Figuras (Q.2)

No próximo quadro seguem expostas, lado a lado, as definições para cada uma das *figuras de sintaxe*, tal como elas aparecem representadas em ambas as obras. Procuramos reproduzi-las, seguindo a ordem estabelecida por Figueiredo (1761), que foi, praticamente, toda a base de referência para o desenvolvimento dessa teoria em Fortes (1816), inclusive em relação à ordem de aparecimento dos assuntos. No entanto, quando houver divergências conceituais e textuais entre ambos os autores, essas serão apontadas em lugar oportuno.

A divisão das *figuras da sintaxe* em Figueiredo (1761) e em Fortes (1816)

DIVISÃO DAS FIGURAS DA SINTAXE:	
<i>Figuras da Sintaxe Latina</i> Figueiredo (1761)	<i>Arte de Grammatica Portugueza</i> Fortes (1816)
Enallage he, quando na oração fe põe huma parte por outra, v. gr. verbo em lugar de nome; nome em lugar de advérbio (FIGUEIREDO, 1761, p. 6).	Enallage he, quando na oração se põe huma parte por outra; exemplo: <i>O mesmo viver he incommodo</i> ; onde está <i>viver</i> em lugar de <i>vida</i> .(a)(FORTES, 1816, p. 88-9).
Pleonafmo he quando na oração fobeja alguma, ou algumas dicções, como quando os Latinos ajuntão duas vozes do mefmo fignificado, v. gr. <i>Ataque ergo, Deinceps inde, Sed vero</i> (FIGUEIREDO, 1761, p. 6).	Pleonafmo he, quando na oração sobeja alguma, ou algumas dicções; v. g. <i>Mas pore; Eu vi com estes olhos</i> (FORTES, 1816, p. 89).
Ellipfe he quando na oração falta alguma parte, que neceffariamente fe deve fupprir para ficar completo o fentido completo; como quando os Latinos dizem: <i>Tertio Calendas</i> , onde para ficar completo o fentido, fe deve entender affim a oração: <i>In tertio die ante Calendas</i> (FIGUEIREDO, 1761, p. 6).	Ellipse he, quando na oração falta alguma parte, que necessariamente se deve fupprir para ficar o sentido completo; v. g. <i>Estudo Grammatica Portugueza</i> ; onde falta o nominativo <i>eu</i> , para ficar perfeito o sentido (FORTES, 1816, p. 89).
Zeugma he quando hum mefmo verbo ata, e regula muitas orações, v. gr. <i>Duæ aquilæ volaverunt, hæc ab Oriente, illa ab Occidente</i> ; porque o fentido perfeito he este: <i>Duæ aquilæ volaverunt, hæc volavit ab Oriente, illa volavit ab Occidente</i> FIGUEIREDO, 1761, p. 6).	Zeugma , he quando hum mesmo verbo ata, e regula muitas orações; v.g.: <i>Duas águias voarão, huma do Oriente, outra do Occidente</i> , porque o sentido perfeito he este: <i>Duas aguias voarão, huma voou do Oriente, outra voou do Occidente</i> (FORTES, 1816, p. 90).
A diferença, que ha entre a Ellipfe, e Zeugma he, que na Ellipfe fuppre-fe de dentro da mefma oração	[Não apresenta]

<p>(FIGUEIREDO, 1761, p. 7)</p> <p>Syllepse he quando ha discordia de genero, ou numero, ou discordia de ambos juntos, v. gr. <i>Pars in cruce acti</i> (FIGUEIREDO, 1761, p. 7)</p> <p>A Syllepse mais ordinaria he de tres modos, porque ou está na discordia do numero, ou na de ambos (FIGUEIREDO, 1761, p. 55).</p>	<p>Syllepse he, quando ha discordia de genero, ou de numero, ou de ambos; v.g. <i>Parte cortão em pedaços</i>. (a) (FORTES, 1816, p. 90, nota a).</p> <p>(a) A Syllepse de ordinario he de tres modos, Primeiro De genero, quando exprimimos hum genero, e concebemos outro; v.g. <i>Parte forão crucificados</i>; donde exprimimos hum genero feminino, que he <i>parte</i>, e concebemos o adjetivo <i>crucificado</i> [...] (FORTES, 1816, p. 90, nota a).</p>
<p>Hyperbato he quando as partes da oração se invertem, ou transpõem de modo, que não guardão a ordem natural da collocação; como quando Horacio diz affim: <i>Sæpe velut, qui currebat fugiens hostem</i>, onde a ordem natural he esta: <i>Qui sæpe currebat velut fugiens hostem</i> (FIGUEIREDO, 1761, p.7).</p> <p>O Hyperbato divide-se em cinco especies: <i>Anastrophe, Tmesis, Parenthesis, Synchysis, Anacolutho</i> (FIGUEIREDO, 1761, p. 67).</p>	<p>Hyperbato he, quando as partes da oração se invertem, ou trocã de modo, que não guardão a ordem natural da oração; v. g. nesta oração: <i>São valorosos os Portuguezes</i>; onde <i>Portuguezes</i>, nominativo da oração, que devia estar no principio, está trocado, e posto no fim.(a)(FORTES,1816,p. 91).</p> <p>(a) O Hyperbato divide-se em quatro especies <i>Anastrophe, Tmesis, Parenthesis, Synchysis</i>. (FORTES 1816, p. 91, nota a).</p>
<p>Hellenifmo, que por outro nome se chama Grecifmo, he quando a oração se conforma mais com as regras da Gramatica Grega, que com as regras da Latina; como quando os Latinos dizem: <i>Vobis non licet esse fortunatis</i> (FIGUEIREDO, 1761, p. 7).</p> <p>Os Hellenifmos, ou Grecifmos são tantos, quantos são os modos de fallar, que dos Gregos tirarão os Latinos (FIGUEIREDO, 1761, p. 67).</p>	<p>[Não há]</p>
<p>Anastrophe he inverter a ordem das palavras, pondo em primeiro lugar a que naturalmente pedia o segundo, como quando Virgilio diz: <i>His accensa super</i> em lugar de <i>Super his accensa</i>. E Cicero: <i>Quem propter urbs incensa nom est</i> em lugar <i>Propter quem</i> (FIGUEIREDO, 1761, p. 63).</p>	<p>Anastrophe he inverter a ordem das palavras, pondo em primeiro lugar, o que naturalmente pedia o segundo; v.g.: <i>Amar-te-hei</i> em lugar de = <i>hei de amar-te</i>. (FORTES 1816, p. 91, nota a)</p>
<p>Tmesis he quando huma mesma voz composta se divide, ou parte em duas, como quando di Virgilio: <i>Septem subjecta trioni</i> em lugar de <i>Septemtrioni</i>. E Horacio: <i>Quo me cumque rapit tempestas</i> em lugar de <i>Quocumque</i>. (FIGUEIREDO, 1761, p. 63).</p>	<p>Tmesis he, quando huma mesma voz composta se divide ou parte em duas v.g.: <i>Amar-te-hei</i>; onde o <i>te</i> está no meio de <i>amar</i> e <i>hei</i>, que compoe o futuro imperfeito composto do Indicativo (FORTES 1816, p. 91, nota a)</p>
<p>Parenthesis he o dito, ou sentido, que se mette de permeio na oração, antes que esta se acabe. O final costumão fer dous femicirculos, hum em correspondencia do outro, como quando diz Virgilio: <i>Tityre, dum redeo, (brevis est via) pasce capellas</i> (FIGUEIREDO, 1761, p. 64).</p>	<p>Parenthesis he o dito, ou sentido, que se mette de permeio na oração, antes que esta se acabe. O signal costumão ser dois semicirculos, hum em correspondencia do outro; v. g.: <i>Hoje, celestes genio, não daremos</i> <i>Do Pindo a alta riqueza</i> <i>(Pois tambem entre nós hum Porcio temos)</i> <i>Á varão grande em prospera nobreza.</i> (FORTES 1816, p. 91, nota a)</p>
<p>Synchysis he uma perturbação, ou desordem das partes, donde resulta ficar escuro, e implexo o sentido da oração [...] (FIGUEIREDO, 1761, p. 64).</p>	<p>Synchysis he uma perturbação, ou desordem das partes, donde resulta ficar escuro, e implexo o sentido da oração; v.g. neste lugar de Diniz: <i>De meus versos á rápida carreira</i> <i>Abrem o campo infinito,</i> <i>Quantos do grande heróe o abraço invicto</i> <i>Colheu triunfos na sazão guerreira.</i> A ordem he esta: <i>Quantos triunfos abraço invicto do grande heróe colheu na sazão guerreira, abrem campo</i></p>

	<i>infinito á rápida carreira dos meus versos</i> (FORTES 1816, p. 91, nota a)
Arcaifmo he quando ufamos de alguma voz, ou modo de fallar proprio dos antigos, como v. gr. <i>Apifci</i> em lugar de <i>Adipifci</i> , ou <i>Ipfus</i> em lugar de <i>Ipfe</i> . (FIGUEIREDO, 1761, p. 6-7).	Arcaismo he, quando usamos de alguma voz, ou modo de fallar proprio dos antigos v. g. <i>Sohia; Giolhos</i> , em lugar de <i>costumava; joelhos</i> (FORTES 1816, p. 92).

Quadro 3: A divisão das *figuras da sintaxe* em Figueiredo (1761) e em Fortes (1816)(Q.3)

A comparação pela tabela, em si, já é suficiente para evidenciar o quão semelhantes são o manual e a gramática, o quanto a escrita de Felizardo Fortes é uma cópia da de Figueiredo, e o quanto no texto é contribuição do autor carioca. No entanto, cumpre aditar alguns comentários.

Na definição de Zeugma, por exemplo, Fortes não só transcreveu *ipsis litteris* o que escreveu Figueiredo, como também se valeu do mesmo exemplo utilizado pelo oratoriano para ilustrar o conceito, apenas traduzindo-o do latim. Em Figueiredo temos “*Duæ aquilæ volaverunt, hæc ab Oriente, illa ab Occidente*”, ao que Fortes traduziu para “*Duas águias voarão, huma do Oriente, outra do Occidente*”.

A definição de *silepse* é a mesma em ambos, salvo pela elisão de algumas palavras no texto de Fortes, que na reprodução aqui colocamos entre parênteses: “*quando ha discordia de genero,ou de numero ou (discordia de) de ambos (juntos)*”. É o que as gramáticas contemporâneas denominam por *concordância ideológica*. Fortes traduziu o exemplo: “*Parte forão crucificados*” que aparece em Figueiredo “*Pars in cruce acti*”, a qual acrescentou mais um: “*Parte cortão em pedaços*”.

O conceito de *hipérbato* tanto em Figueiredo quanto em Fortes é o mesmo. A diferença é que na sua definição Figueiredo usou o verbo “transpõem” (“Hyperbato he quando as partes da oração se invertem, ou transpõem de modo, que não guardão a ordem natural da collocação”), enquanto Fortes prefere o verbo sinônimo “trocam”. (“Hyperbato he, quando as partes da oração se invertem, ou trocã de modo, que não guardão a ordem natural da oração”). E mais. Figueiredo diz “não guardão a ordem natural da collocação”, ao passo que Fortes prefere o termo “oração” no lugar de “colocação”. Nesse caso, as diferenças são poucas, mas existem. Curiosamente, a frase apresentada na exemplificação dessa figura é adaptada por Fortes para o universo português, apresentando os portugueses como *valerosos*: “*São valerosos os Portuguezes*”. Ao contrário do que faz Figueiredo, que, citando um trecho de Horácio, fala de certa fuga diante do inimigo: “*Sæpe velut, qui currebat fugiens hoistem*”.

Mas, no que se refere às subdivisões dessa figura, Figueiredo entendeu-as como cinco: anástrofe, tmese, parêntesis, sínquise, e anacoluto. Enquanto Fortes considerou-as em número de quatro: anástrofe, tmese, parêntesis e sínquise. Desconsiderou, no caso, a anástrofe. Seguiu nessa divisão a mesma estabelecida por Lobato (1770). De acordo com Lobato: “Ha varias especies de Hyperbaton, que são: *Anastrofe, Tmesis, Parenthesi, Synchifis*” (LOBATO, 1770, p. 242).

A definição que Fortes deu para cada uma dessas figuras, subdivisões do *hipérbato*, foi a mesma dada por Figueiredo (1761), sem nenhuma alteração. Entretanto a composição dos exemplos é quase toda retirada de Lobato (1770). Ao apresentar a definição de *tmesis*, por exemplo, por ser apropriado, Lobato fez uma explicação mesclada, comentando ao mesmo tempo o emprego da *anástrofe* (cf. Q 3.): “[...] o que succede sempre [com o emprego de *tmesis*], quando ufamos da figura *Anastrofe*, como v.g. em *Amar-te-hei*, a palavra *Te* posta no meio divide as diversas palavras, de que se compoem a primeira voz do futuro perfeito composto do Indicativo do verbo *Amar*”. Ainda que de forma concisa, Fortes (1816) copiou-lhe tanto o método, quanto a exemplificação nas duas figuras. Outra diferença é que enquanto Lobato classificou a forma verbal como futuro perfeito, Fortes anotou como futuro imperfeito.¹⁵ Independentemente da divergência classificatória, corresponde ao que as gramáticas contemporâneas registram como futuro do presente simples, em colocação pronominal mesoclítica. Vejamos:

Anastrophe he inverter a ordem das palavras, pondo em primeiro lugar, o que naturalmente pedia o segundo; v.g.: *Amar-te-hei* em lugar de = *hei de amar-te*.

Tmesis he, quando huma mesma voz composta se divide ou parte em duas v.g.: *Amar-te-hei*; onde o *te* está no meio de *amar* e *hei*, que compoe o futuro imperfeito composto do Indicativo (FORTES 1816, p. 91, nota a).¹⁶

Para finalizarmos a análise das *figuras da sintaxe*, convém ressaltar que Fortes ilustrou os exemplos de *parêntesis* e de *sínquise*, cujas definições foram exatamente as mesmas dadas por Figueiredo (cf. Q. 3 acima), com trechos de dois poemas extraídos de

¹⁵ Por certo, devido à influência classificatória do *futuro imperfeito* em latim. Cf.: COELHO, Adolpho F. *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez: Estudo de grammatica comparativa*. Lisboa: Typographia Universal, 1871.

¹⁶ Cf. Quadro 3, acima apresentado.

Odes pindaricas de 1801, do árcade Cruz e Silva (1731-1799)¹⁷, a quem cita simplesmente por “Diniz”, sem oferecer maiores detalhes, quer do autor, quer da obra, decerto pelo caráter conciso da gramática. Esses exemplos, por sinal, são os únicos, literários, apresentados por ele. O exemplo de *parêntesis* é o seguinte:

*Hoje, celeste genio, não daremos
Do Pindo a alta riqueza
(Pois também entre nós hum Porcio temos)
Á varão grande em prospera nobreza.*¹⁸

Já o exemplo de sínquese é este:

*De meus versos á rápida carreira
Abrem o campo infinito,
Quantos do grande heróe o abraço invicto
Colheu triunfos na sação guerreira.*¹⁹

Esses exemplos literários se encaixam na descrição das referidas *figuras* mais para mostrar seu funcionamento do que, propriamente, para *abonar uma regra gramatical*. Como no do exemplo da *sínquise*, em que, não havendo qualquer comentário restritivo acerca de seu emprego, presumirá aceita pelo gramático.²⁰ Diferentemente do que veio ocorrer, décadas depois, em outras gramáticas brasileiras, já produzidas durante o chamado período científico, que, condenando seu uso, considerado altamente prejudicial à clareza em certos casos, relegaram-na ao rol das figuras viciosas.²¹

Passemos, adiante, à análise da construção conceitual das *figuras da dicção*.

¹⁷Antônio Dinis da **Cruz e Silva**, o *Elpino Nonacriense*, poeta português do século XVIII, fundador da *Arcádia Lusitânia* em 1756. Nascido em Lisboa, esteve no Brasil em missões de magistratura, onde viveu seus últimos dias no Rio de Janeiro.

¹⁸ Citação do autor: (Fortes, 1816, p. 91, nota a).

¹⁹ *Idem, ibidem*.

²⁰ **Coruja** (1835, p. 55) e **Caneca** (1876, p. 60) também não condenam seu uso; ao passo que **Duarte** (1829, p. 79), embora não apresente um capítulo específico sobre *figuras de sintaxe*, ao tratar da “Construção Invertida”, dirá, já sob um ideário racionalista, que “É viciosa toda Construção em que o sentido fica ou difícil de se perceber, ou escuro, ou equívoco, ou absurdo”.

²¹ Cf. **Julio Ribeiro** (1881, p. 284) que diz “605. E' viciosa a synkhyasis que gera confusão de idéas” e **Maximino Maciel** (1887, p. 261-2), que também a inclui na relação dos *Vícios de construção*: “Synchese é a construção da frase ocultando a relação das idéas”; Silva Jr e Andrade (1887, p. 503); (1894, p. 695), mais conhecidos por **Pacheco e Lameira**, não denominam uma figura como *sínquise*, mas relacionam entre os vícios de linguagem a “obscuridade”, cujas características são as mesmas da sínquese, e a definem como “falta da clareza”, ocorrida “pelas muitas ellipses ou hyperbatos exagerados”; para citarmos alguns dos principais.

As figuras da dicção em Lobato (1770) e em Fortes (1816)

O capítulo sobre *as figuras da dicção* em Fortes (1816) é construído a partir do texto de Lobato (1770). Fortes praticamente transcreveu todo o livro III “*Das Figuras da Dicção*”, referentes às páginas 245 a 253 da *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* do gramático pombalino.

De acordo com Lobato (1770) “Figura da Dicção he, quando na palavra se tira, ou acrescenta letras, ou se põem huma letra por outra” (LOBATO, 1770, p. 245). Em Fortes (1816), exceto pela supressão de uma *palavra*, e pela inversão da ordem de outras, fatos de somenos importância, temos a mesma definição: “Figura da dicção he, quando se acrescenta, se tira, ou se troca huma letra por outra” (FORTES, 1816, p. 92). Lobato as divide em seis: “Há varia especies de figuras: as que são necessarias para a perfeita intelligencia das regras da Grammatica são as seguintes: *Synalefa, Aferefe, Syncope, Apocope, Antithese, Prothefe*” (LOBATO, *idem*). Fortes elenca as mesmas figuras, entretanto muda-lhes a ordem de apresentação: “As figuras mais notaveis são seis: Prothese, Aferese, Synalepha, Apocope, Anthitese” (FORTES, *idem*).

Para melhor visualizar o que expomos, segue quadro comparativo das *figuras da dicção* colhidas nos dois autores:

	<i>Arte da Grammatica da Lingua Portugueza</i> <i>Reis Lobato (1770)</i>	<i>Arte de Grammatica Portugueza</i> <i>Felizardo Fortes (1816)</i>
	<i>Das Figuras da Dicção</i>	<i>Das Figuras da dicção</i>
Conceituação	Figura da Dicção he, quando na palavra se tira, ou acrescenta letras, ou se põem huma letra por outra. Há varias especies de figuras: as que são necessarias para a perfeita intelligencia das regras da Grammatica são as seguintes (LOBATO, 1770, p. 245).	Figura da dicção he, quando se acrescenta, se tira, ou se troca huma letra por outra” (FORTES, 1816, p. 92).
Ordem	<i>Synalefa, Aferefe, Syncope, Apocope, Antithese, Prothefe</i> (<i>idem</i>).	Prothese, Aferese, Synalepha, Apocope, Anthitese (<i>Idem</i>).
Synalefa	Synalefa he huma figura, da qual ufamos, quando se supprime no fim da dicção, que começa por vogal [...] a preposição <i>De</i> perde a vogal <i>e</i> , e se ajunta com a vogal do principio dos Pronomes <i>Elle, Éste, Effe, Aquelle, Isto, Iffo, Aquillo</i> , quando se lhes antepoem no genitivo, e no ablativo, porque dizemos <i>Delle, Deíte, Deffe, Daquelle, Difto, Diffo, Daquillo</i> em lugar <i>De-elle, De-este, De-esse, De-aquelle</i> , & (<i>id.</i> , p. 245-6).	Synalepha he, quando concorrendo huma palavra acabada em vogal com outra, que começa tambem em vogal, se tira a vogal ultima da primeira palavra, pra se ligar huma com outra; v. g.: <i>D’elle; D’esse</i> , em lugar de <i>De elle, De esse</i> (<i>id.</i>).

<p>Afêrese</p> <p>AFerefe he, quando no principio da palavra fe tira alguma letra. Ufa-fe na preposição <i>Em</i>, quando fe antepõem aos artigos <i>o, os, a, as</i>; porque então perde a vogal do principio <i>e</i>, e muda o <i>m</i> em <i>n</i> pela figura Antithese, de que adiante trataremos, e fe ajunta com o artigo, escrevendo-fe, e pronunciando-fe ambas as palavras, como fe foffe huma só; porque dizemos <i>No, Nos, Na, Nas</i>, em lugar de <i>Em-o, Em-os, Em-a, Em-as</i>, como já diffemos, quando tratamos dos artigos (LOBATO, 1770, p. 248).</p>	<p>Aferese he, quando no principio da palavra se tira alguma letra; v.g., nestas vozes <i>No, Nos, Na, Nas</i>, onde se tira o <i>e</i> da preposição <i>em</i>, e mudando-se o <i>m</i> em <i>n</i>, ficão d'aquelle modo (idem, p. 92).</p>
<p>Síncope</p> <p>SYncope he, quando do meio da palavras fe tira hum, ou mais letra. Ufa-fe quando dizemos <i>Mór</i> em lugar de <i>Maior</i>, pois fe contrahe esta palavra, tirando-fe-lhe do meio as letras <i>a, i</i>. A palavra <i>Santo</i> tambem fe contrahe, dizendo-fe <i>São</i>, quando fe antepoem aos nomes proprios de homem, que principião por letra confoante, tirando-fe o nome <i>Thomás</i>; porque dizemos v. g. <i>São Domingos, São Francisco</i> em lugar de <i>Santo Francisco</i>, de <i>Santo Domingos</i>. (LOBATO, 1770, p. 249)</p>	<p>Syncope he, quando se tira huma, ou mais letras do meio das palavras; v.g.: <i>Mór</i> em lugar de <i>maior</i> (idem, p. 92-3). (id.)</p>
<p>Anócone</p> <p>Apocope he, quando do fim de alguma palavra fe tira de alguma letra, ou letras. Ufa-fe quando na oração concorrem junto dous, ou mais adverbios acabados em <i>mente</i>; porque então nos antecedentes ao ultima fe tirão as syllabas <i>mente</i> pela razão de fer a fua repetição extensa, e defagradavel, como v. g. quando dizemos: <i>Pedro orou breve, fãbia, e elegantemente</i>, onde aos adverbios <i>Brevemente, Sabiamente</i>, fe tirão as fillabas <i>mente</i>, pois val o mefmo que dizer: <i>Pedro orou brevemente, fãbiamente, e elegantemente</i>.(LOBATO, 1770, p. 251-2)</p>	<p>Apocope he quando concorrendo dois, ou mais adverbios acabados em <i>mente</i>, tira-se esta terminação dos primeiros, conservando-se só no ultimo; v.g.: <i>Devemos viver virtuosa, e santamente</i> (id., ibid.)</p>
<p>Antítese</p> <p>ANtithese he, quando na palavra fe poem alguma letra por outra. Ufa-fe esta figura nas vozes dos verbos acabados em <i>s</i>, ou <i>r</i>, porque mudão o <i>s</i>, ou <i>r</i> em <i>l</i>, feguindo-fe-lhes alguma das feguintes palavras <i>O, Os, A, As</i>, como v.g quando dizemos: <i>Nós defendemolo. He-nos conveniente defendelo</i>, onde a voz verbal <i>Defendemos</i> muda o <i>s</i> em <i>l</i>, por fe lhe feguir a palavra <i>O</i>, pois val o mefmo que dizer: <i>Defendemos-o</i>. Da mefma forte a voz <i>Defender</i> muda o <i>r</i> em <i>l</i>, por fe lhe feguir a palavra <i>Os</i>, pois val o mefmo que dizer: <i>Defender-os</i>.(LOBATO, 1770, p. 252)</p>	<p>Anthitese he, quando se troca huma letra por outra, v. g.: <i>Defendel-o</i> onde está o <i>r</i> mudado em <i>l</i> (id. ibid.).</p>
<p>Prótese</p> <p>PRothese he, quando no principio da palavra fe accrefcenta alguma letra. Ufa-fe esta figura nas palavras <i>O, A</i>, porque fe lhes accrefcenta no principio hum <i>n</i>, quando fe feguem ás vozes dos verbos acabados em <i>ao</i>, ou <i>em</i>; porque quando dizemos v.g. <i>Differão-no, Diffeffem-no</i>, accrefcentamos á palavra <i>o</i> hum <i>u</i>, e val o mefmo que dizer: <i>Differão-o, Diffeffem-o</i>. A razão deste ufo, e dos sobreditos he a Eufonia, ifto he, a maior fuavidade na pronuniação das palavras. (LOBATO, 1770, p. 253)</p>	<p>Prothese he, quando no principio da palavra se acrescenta alguma letra; v.g.: <i>Alembrar</i> em vez de <i>lembrar</i> (id.).</p>

Quadro 4: Figuras da dicção em Lobato (1770) e em Fortes (1816) (Q.4)

O quadro mostra que a lição das *figuras da dicção* é muito mais desenvolvida em Lobato do que em Fortes. O gramático brasileiro reduziu bastante a relação de exemplos, assim como a explicação, que em Lobato (1770) aparece detalhada, e tendo como base os casos latinos: o genitivo e o ablativo. Lembremos que desde o início da produção gramatical portuguesa, os gramáticos, com exceção a Fernão de Oliveira,²² estiveram bastante presos ao modelo latino. Se em Fortes a explicação sobre as *figuras da dicção* não aparecem vinculadas aos casos, como em Lobato, isso se deve muito mais ao aspecto conciso da obra do brasileiro do que a um caráter propriamente inovador dela. Antes, dedica-se um capítulo exclusivo (o seis) ao tratamento dos casos em português, justamente denominado “*Dos numeros, e dos casos*” (idem, p. 14-17).

Até mesmo a ordem escolhida para construir a doutrina sobre *figuras de dicção* é a mesma de Lobato. Lobato encerra sua gramática com a apresentação das figuras de dicção, e Forte faz o mesmo.

Quanto à apresentação da apócope, Fortes misturou trechos da definição com trechos do exemplo, na tentativa de oferecer um texto mais abreviado, o que resultou em uma conceituação um tanto redutora: “Apocope he quando concorrendo dois, ou mais advérbios acabados em *mente*, tira-se esta terminação dos primeiros, conservando-se só no ultimo; v.g.: *Devemos viver virtuosa, e santamente*”. Decerto, o fenômeno não ocorria somente com os advérbios. Embora o exemplo seja retirado do texto de Lobato (1770), o conceito não se assemelha ao de Fortes porque o gramático pombalino apresentou-os (tanto conceito como exemplo) de forma mais detalhada, conforme é possível visualizar na tabela (Q.4).

Considerações finais

Como ficou demonstrado acima pela análise desenvolvida, as fontes que Felizardo Fortes (1816) utilizou na construção de sua gramática referentes às *figuras de sintaxe* e às *figuras da dicção* foram duas obras gramaticais de grande importância para a época: uma de Figueiredo (1761) e outra de Lobato (1770), ainda que, no que refere à obra de Lobato, Fortes não tivesse deixado explícito que a seguisse. Relativamente ao capítulo sobre as *figuras da dicção*, ficou demonstrado que o brasileiro, em essência, copiou todo o texto de Lobato. Incluindo os exemplos.

²² Cf. Leite (2007, p. 193).

Quanto ao capítulo sobre as *figuras de sintaxe*, Fortes ora apoiou-se no texto de Figueiredo (1761), o que ocorreu de forma majoritária, ora nas lições de Lobato (1770). Quando divergiu de Figueiredo, seja qual fosse a razão, apresentou em seu lugar a doutrina de Lobato, embora não explicitasse que tivesse em seu horizonte, simultaneamente, os textos dos dois autores. Contudo, registre-se de passagem que há também trechos em que Fortes se opôs ao gramático pombalino, como, por exemplo, no do tratamento de algumas regras de Prosódia, em que dele discordou ao dizer que eram “breves as partes acabadas em *is*”, e não longas (FORTES, 1816, p. 71-3, nota *a*).

Mas, no aspecto relacionado ao das *figuras de sintaxe* e das *figuras de dicção*, a primeira gramática publicada no Brasil por autor brasileiro, repetiu as lições de mestres portugueses do final do século XVIII. Isso faz da *Arte de Grammatica Portugueza* (1816) de Felizardo Fortes uma gramática doutrinária, porque tratando teoricamente da língua, em essência, retransmitiu um corpo de regras e de conceitos encontrados em obras predecessoras.

Muito mais haveria a dizer sobre essa gramática, mas o objetivo e o espaço reservados não nos permitem. No entanto, mesmo prescindindo de certo grau de profundidade, ainda convém ressaltar que, além do que já tratamos nesse trabalho, e da mencionada divergência sobre as regras de prosódia que travou contra Lobato, um exame mais apurado mostra que o autor anotou exemplos de palavras relativas ao “universo brasileiro”, tais como, *cipó* (p. 73); *veado* e *onça* (p. 21), que refletem as marcas do **espaço** de enunciação de Fortes, ainda que de forma marginal, secundária e escassa. No entanto, não é possível afirmar com isso que já haja nessa gramática marcas que a distingam de outras produzidas por autores portugueses e brasileiros no mesmo período, quer em Portugal, quer no Brasil.²³

Tomada como um *instrumento linguístico*, no sentido atribuído por Auroux (1998), a *Arte de Grammatica Portugueza* (1816) de Ignacio Felizardo Fortes também é representante de seu **tempo**, porque traz as marcas das concepções e das teorias linguísticas, então, praticadas na época, conforme se verificou, pela análise de seu

²³Como viria ocorrer com a gramática do brasileiro Julio Ribeiro (1845-1890), que, como se sabe, gramatizou vários usos tipicamente brasileiros em sua *Grammatica Portugueza* de 1881, “ainda que sob a forma de notas, de observações restritivas do tipo: *uso familiar, vulgar, rural e outros*”, conforme identificou Leite (2005).

horizonte de retrospectão, especialmente quanto aos aspectos metagramaticais aqui examinados: os das *figuras da sintaxe e de dicção*.

Finalmente, pode-se dizer que, só pela postura crítica exercida sobre a gramática de Reis Lobato, que à época gozava de grande prestígio, inclusive no Brasil,²⁴ a *Arte de Grammatica* de Fortes deve merecer maior atenção dos estudiosos, uma vez que ela contraria os próprios objetivos modestos declarados pelo autor no prólogo: de que a obra era impressa apenas “para uso dos [s]eus Discipulos” e “para evitar o trabalho das copias manuscriptas que sempre est[avam] sujeitas a erros, e necessitando de hum novo trabalho de correcção” (FORTES, 1816, Prólogo, p. vi).

Divergir da gramática oficial²⁵ faz desse pequeno manual uma peça relevante para a compreensão da construção do *saber linguístico* sobre o português naquele período, porque, conforme esclarece Colombat (2007, p. 90), o *horizonte de retrospectão* “abrange o conjunto dos conhecimentos prévios reconhecidos, assumidos ou mesmo rejeitados por um autor x em um momento x da história”.²⁶

Referências Bibliográficas

Fonte primária

FORTES, Inácio Felizardo. *Arte de grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: Impressão Regia, 1816.

Fontes secundárias

ÁLVARES, Francisca de Chantal. *Breve compendio de grammatica portugueza*. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1786.

AULETE, F. J. C. *Grammatica nacional*. 8^a ed. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1874.

²⁴Segundo Amadeu Torres (2010, p. 851), “em 1830 a Typ. Imperial e Nacional lançara, no Rio, a 23.^a edição, e primeira no Brasil, da pombalina e famigerada *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* do citado Reis Lobato”. Testemunhos bibliográficos, no entanto, informam-nos que já havia, em 1812, uma edição dessa gramática de Reis Lobato, dada à estampa pela Imprensa Régia no Rio de Janeiro. (AIN, p. 76, n. 254 / AMAC v1, n. 279). Conforme informação *online*, disponível em: <http://www.ghic.usp.br/server/Lusodat/pri/02/PRI02806.htm>. Acesso em: 07 jun 2014.

²⁵A *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* tornou-se manual oficial em Alvará régio de 30 set. de 1770.

²⁶Do original: “Colombat (2007, p. 90) “La notion d’*horizon de rétrospection* [...] recouvre l’ensemble des connaissances préalables reconnues, assumées ou même refusées par un auteur x à un moment x de l’histoire”.

CANECA, J. do A. D. Breve compendio de grammatica portugueza. In: CANECA, J. do A. D. *Obras politicas e litterarias*. Org. MELLO, Antonio Joaquim de Tomo II. Recife: Typographia Mercantil, 1876, p. 23-62 [edição póstuma].

CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da grammatica da lingua nacional*. Porto Alegre: Typographia de V. F. de Andrade, 1835.

DUARTE, Antonio da Costa. *Compendio da grammatica portugueza*. Maranhão: Typographia Nacional, 1829.

FIGUEIREDO, Antonio Pereira de. *Figuras da syntaxe latina*. Lisboa: Officina de Miguel Manefcal da Cofta, 1761.

FIGUEIREDO, Pedro José de. *Arte dagrammatica portugueza*, ordenada em methodo breve, facil, e claro. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1799.

LOBATO, Antonio José dos Reis. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.

MACIEL, Maximino de Araujo. *Grammatica analytica*. Rio de Janeiro: Typographia central de Evaristo Rodrigues da Costa, 1887.

MORAES SILVA, Antonio. *Epitome de grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1806.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 1ªed. São Paulo: Typ[ographia] de Jorge Seckler, 1881.

ROBOREDO, Amaro de. *Methodo grammatical para todas as linguas*. Edição Facsimilada. Pref. e Estudo introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2007 [1619].

SILVA JR, Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. *Noções de grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1887.

SILVA JR, Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. *Grammatica da lingua portugueza*. 2ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Livraria Classica de Alves & C., 1894.

Estudos

ARAUJO, Antonio Martins de. A primeira gramática brasileira da língua portuguesa. *Cadernos do CNLF*, Vol. VIII, n. 1, de 23 a 27 de agosto de 2004.

ARAUJO, Antonio Martins de. As concepções linguísticas das duas primeiras gramáticas maranhenses. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*. Ano IV, nº IV, Nova fase, Rio de Janeiro, 2006/2007, p. 26-32.

ASSUNÇÃO, Carlos da Costa. Uma leitura da introdução da *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* de Reis Lobato (1770). *Revista da Faculdade de Letras "LÍNGUAS E LITERATURAS"*. Porto, XVI, 1997, pp. 165-181.

ASSUNÇÃO, Carlos da Costa. *A Arte da Grammatica da Lingua Portugueza de António José dos Reis Lobato*: Estudo, edição crítica, manuscritos e textos subsidiários, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização* [Trad. de Eni Orlandi]. Campinas: Edunicamp, 1992.

AUROUX, Sylvain. Les institutions métalinguistiques et outils linguistiques. In : Auroux, Sylvain. *La Raison, le langage et les normes*. Trad. Marli Quadros Leite. Paris: PUF, 1998, p. 264-67.

AUROUX, Sylvain. *A questão da origem das línguas, seguido de A Historicidade das Ciências*. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas: Editora RG, 2008.

CAVALIERE, Ricardo. *A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

COLOMBAT, Bernard. L'horizon de rétrospection du *Mithridate* de Conrad Gessner (1555). In: KIBBEE, Douglas (ed.), *History of Linguistics 2005. Selected Papers from the tenth International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS X), 1-5 September 2005, Urbana-Champaign, Illinois, Amsterdam-Philadelphia, Benjamins (SiHoLS 112)*, 2007, p. 89-102.

FÁVERO, L. L. Breve Compendio de Grammatica Portugueza– Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 3, p. 89-103, 1999.

FÁVERO, L.L. “Gramática é a arte...” In: ORLANDI, Eni (org.). *História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas e Cáceres: Pontes e Unemat, 2001, p. 89-100.

FÁVERO, L.L.; MOLINA, M.A.G. *As concepções linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FIGUEIREDO, A. J. *Resenha breve das ideias gramaticais, dos gregos aos nossos dias*. Rio de Janeiro: S. M. G. Imprensa do Exército, 1957.

KEMMLER, Rolf. A primeira gramática da língua portuguesa impressa no Brasil: a *Arte de grammatica portugueza* (1816) de Inácio Felizardo Fortes. *Confluência*, nº 45, 1º e 2º semestres, Rio de Janeiro, 2013, p. 61-82.

LEITE, M. Q. A hiperlíngua brasileira na construção da norma gramatical: um estudo de gramáticas do século XIX. *Estudios portugueses*. Salamanca, v. 5, 2005, p. 103-112.

LEITE, M.Q. *O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma*. São Paulo: Humanitas/ Paulistana, 2007.

MONTEIRO, Clovis. *Fundamentos clássicos do português no Brasil*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Colégio Pedro II, Coleção Silva Ramos n. 1, 1958.

ORLANDI, E. *Língua e conhecimento linguístico*. Campinas: Cortez, 2002.

TORRES, Amadeu. O gramaticalismo filosófico de Jerónimo Soares Barbosa (1822) e os seus primeiros discípulos no Brasil. In. ASSUNÇÃO, C, FERNANDES, G; LOUREIRO, M. (eds.). *Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. XVI a séc. XIX)*. Münster: Nodus Publikationen, vol. II, 2010, p. 851-864.